

Papa Francisco: uma doutrina social e pastoral

Danilo Rodrigues¹

Resumo: Objetiva-se neste artigo apresentar elementos do ensino social da Igreja presentes no Papa Francisco, que fundamentam uma “pastoral em saída”. Justifica esse objetivo o fato de que o referido Papa, desde o início de seu pontificado, reforçou a dimensão social da evangelização revisitando a Doutrina Social da Igreja. Para atingir esse objetivo, tomar-se-á como material a exortação apostólica *“Evangelii Gaudium”* (24/11/2013), o “Discurso para os participantes do Encontro Mundial de Movimentos populares” (28/10/2014), sua carta encíclica *“Laudato Si – Sobre o cuidado da casa comum”* (24/05/2015), e a encíclica Social *“Fratelli Tutti - Sobre a fraternidade e a amizade social”* (03/10/2020). Estruturaremos a comunicação considerando os pontos fundamentais: a dimensão social do evangelho e suas implicações na construção de uma “pastoral em saída”. Espera-se apresentar um ensinamento social do Papa Francisco denotativo de uma Igreja que evangeliza e pastorea para tornar real na história a salvação realizada em Jesus Cristo, mediante formas novas de vida que apontem para uma “ecologia integral” denotativa de justiça, fraternidade universal e paz.

Palavras-chave: Doutrina social. Papa Francisco. Pastoral. Ecologia. Igreja em saída.

INTRODUÇÃO

Desde a ascensão do cardeal argentino Mario Giorgio Bergoglio ao papado, a Igreja tem retomado com intensidade um tema que sempre foi preponderante em sua trajetória: a doutrina social. Francisco retoma uma caminhada milenar, pois, desde o início, a Igreja primitiva mostrou preocupação com os pobres e excluídos, fazendo ressoar as palavras de Cristo: “Bem-aventurados os pobres, porque deles é o Reino dos Céus (Mt 5,3)”. Por Doutrina Social da Igreja, podemos compreender um conjunto de esforços que, por diferentes modos, a Igreja nos convoca a rever as questões sociais de nosso tempo: trabalho, trabalhador, moradias, natureza, saúde e a própria convivência social, que, neste mundo moderno, ocasiona-nos muitas dificuldades. Observando essas realidades, a Igreja apresenta suas sugestões e linhas de ações concretas, para que consigamos alcançar de forma justa um modo de vida que seja adequado para todos (ALVAREZ *et al.*, 2003, p.213).

Este Reino nunca deixou de ser vivenciado pelos discípulos-missionários de Jesus. Desde os primeiros séculos da Igreja, muitas foram as vozes proféticas que, além de denunciarem os maus-tratos para com a vida humana, ofereceram escritos edificantes com reflexões críticas que despertaram em toda comunidade eclesial a busca por uma sociedade construtiva e honesta. O papa Leão XIII, com a encíclica *Rerum Novarum*, percebeu que era preciso ter uma posição firme frente aos conflitos de sua época: capital e trabalho, que, com o surgimento da Revolução Industrial, exploraram os trabalhadores em detrimento do enriquecimento dos poderosos que prefeririam o lucro e não o cuidado humano e justo com

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Campinas - SP. Professor de teologia na PUC-Campinas - SP, e-mail:pe.danilorodrigues@uol.com.br

os colaboradores. Com sua sensibilidade pastoral o papa motiva e encoraja toda a Igreja a se empenhar na solução desses imbróglios, não com enfiamentos ou revoltas sangrentas, mas com um diálogo que pudesse unificar os trabalhadores e cobrar os patrões com seus deveres (ALVAREZ *et al.*, 2003, p.214).

A transformação social não pode ser um assistencialismo praticado pela Igreja, em vista disso a necessidade de uma espiritualidade que nos conduza para atitudes concretas é urgente, caso contrário iremos patinar em atuações que não libertam e nem edificam o povo sofrido. A carta encíclica *Fratelli Tutti* propõe caminhos para a construção de uma sociedade fraterna e justa. Fraternidade e justiça são atitudes que deveriam nortear a convivência humana em todos os âmbitos, mas não é esta a realidade que encontramos em nossas relações, basta ler os noticiários e ficaremos entorpecidos com a corrupção, guerras e uma desenfreada busca pelo sucesso e riquezas. Com as atitudes de São Francisco, o Papa deixa claro que a simplicidade pode nos conduzir à felicidade e a vivência do evangelho deve orientar o cristão em sua atuação social. Somos todos irmãos e a pandemia da Covid-19 trouxe-nos além da dor da perda, a certeza de que precisamos repensar nossa fraternidade; não nos salvaremos sozinhos, ao contrário, precisamos do outro, que são nossos irmãos, independente do país em que vivem ou da situação financeira em que estão.

1 UMA PREOCUPAÇÃO: EVANGELIZAR E TRANSFORMAR A ATUALIDADE

Ao lermos a “Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*” percebemos um desejo do Papa Francisco de que a Igreja seja pobre para os pobres. Essa pobreza não é somente financeira ou material, antes vem a ser um desejo ousado do pontífice, a fim de que todos os cristãos se doem de modo verdadeiro ao anúncio do evangelho. Essa pobreza exige uma conversão pastoral na qual as estruturas da Igreja sejam revistas e não haja mais o acomodamento das comunidades, que muitas vezes preferem o aconchego das sacristias em vez da acolhida dos sofredores e marginalizados:

A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor, e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e sua força difusiva (FRANCISCO, 2013, p. 21).

Ir ao encontro e tomar a iniciativa é cumprir o que Jesus pediu aos discípulos: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai a observar tudo o que vos tenho ordenado” (Mt 28, 19-20). O Papa Francisco sente que a Igreja necessita renunciar à acomodação e passar por uma transformação missionária com a qual consiga ir até os feridos nas encruzilhadas da sociedade, que padecem nos campos de refugiados fugindo das guerras e conflitos. A Igreja em saída deve tomar a iniciativa do

amor que não fica somente em palavras, mas de modo urgente vai ao encontro dos afastados e excluídos. Mas quem são os afastados e excluídos? Ao analisarmos a sociedade mundial, não será difícil encontrá-los, não somente distantes de Deus e da Igreja, como também de todas os meios básicos para uma vida digna. Atualmente, muitas crianças são exploradas sexualmente, jovens que perderam o sentido de suas vidas por encontrarem nos entorpecentes um refúgio e acolhida que sua família desestruturada não lhes oferece. Os idosos sofrem com o abandono da sociedade que os excluem por não produzirem mais e, infelizmente, são esquecidos por seus familiares (FRANCISCO, 2013, p. 21).

As famílias também precisam ser encontradas por uma Igreja em saída, com sua ação transformadora; não basta constatar que a vida familiar está sendo atacada pela superficialidade e falsas promessas de uma felicidade passageira, é necessário que a pastoral enxergue nas famílias uma comunidade capaz de atuar na sociedade como uma das luzes para a felicidade. Ao acompanharmos com nossas orações as famílias, não podemos nos esquecer de que muitas estão sendo deterioradas por sérios problemas sociais: o desemprego, a fome, a insegurança e assim sentem-se excluídas e afastadas, não somente de uma comunidade de fé, mas de toda a sociedade. Portanto, ir ao encontro das famílias cristãs é mostrar que a Igreja caminha com ela e pode ajudá-la por meios de sua atuação social a superar suas fragilidades. Além das famílias, há os excluídos e afastados que estão à margem da sociedade que se declara autônoma de qualquer religião e de uma vida comunitária: homens e mulheres em situação de rua, famílias abrigadas de modo irregular em edifícios e prédios abandonados e crianças abandonadas que sofrem abusos sexuais. (FRANCISCO, 2013, p. 107).

Como é possível catequizar crianças e adolescente e negligenciar que seus pais vivem a triste realidade do desemprego e dos divórcios sempre traumáticos e dolorosos? Não é antagônico falar de Jesus e do “Pão Nosso” em nossas catequeses batismais e matrimoniais enquanto, possivelmente, muitos casais amargam em suas convivências a fome e a falta de alimentos básicos? O compromisso com os outros, que o Papa Francisco nos recorda, é reviver a caridade, ou seja, ao catequizarmos os fiéis, não nos esqueçamos de enxergar suas duras realidades e oferecer a eles o pão e a doutrina que vieram buscar. Infelizmente, com muita dor, devemos reconhecer que algumas ações pastorais estão cegas e presas às leis e se esquecem de agir de modo concreto na caridade para com os sofredores. Por isso, uma pastoral em saída, deve ser sem preconceitos e medos capaz de acolher todas as situações presentes em nossas catequeses, orientando-os para que sintam em nossas Comunidades o amor de Jesus e seu Evangelho; sempre acolhedores e misericordiosos (FRANCISCO, 2013, p. 107).

Ao anunciarmos o Evangelho, não excluímos a promoção humana, antes percebemos que só haverá sucesso em nossa missão de anunciadores se conseguirmos de modo concreto apontar caminhos de superação de realidades que degradam a vida. Em julho de 2013, o papa

Francisco se fez peregrino na cidade de Lampedusa,² na Itália, onde, de modo sincero e sensível, demonstrou sua indignação para com os mecanismos de morte e anunciou o evangelho de Cristo com sua presença paterna e amiga:

Emigrantes mortos no mar; barcos que, em vez de ser uma rota de esperança, foram uma rota de morte. Assim recitava o título dos jornais. Desde há algumas semanas, quando tive conhecimento desta notícia (que, infelizmente, vai se repetindo tantas vezes), o caso volta-me continuamente ao pensamento como um espinho no coração que faz doer. E, então, senti o dever de vir aqui hoje para rezar, para cumprir um gesto de solidariedade, mas também para despertar nossas consciências, a fim de que não se repita o que aconteceu. Que não se repita, por favor (FRANCISCO, 2013b).

São famílias inteiras dizimadas pela força de um sistema que não lhes permite uma nova chance para recomeçarem suas vidas em países que possam acolhê-los de maneira mais humana e gentil. Como é urgente estar em meio a essas famílias como fez o Papa Francisco! Externar - lhes nossa indignação ao saber das mortes é mostrar que fazemos parte de uma grande família cristã e lhes desejamos que a justiça olhe por suas dores. Uma solidariedade que ultrapassou as palavras e se fez gesto; o sucessor de Pedro fez questão de ir ao encontro dos colaboradores que, de modo simples, mas heroico, colocaram-se à disposição dos emigrantes que sobreviveram aos naufrágios. São associações de voluntários que mostram que é possível ser Igreja em saída tendo um rumo concreto; demonstrar atenção, amor e carinho para com aqueles que migram em busca de uma vida digna. Esta caminhada da comunidade cristã é uma ação pastoral, que sem dúvidas encontra na Palavra a força que necessita para continuar e trazer de modo real e verdadeiro o Reino que Jesus pregou com sua vida e atitudes (FRANCISCO, 2013).

Esse Reino que Jesus anunciou traz uma série de consequências sociais, para muitos cristãos anestesiados por seus egos, a fome não é um problema e muito menos a corrupção no campo político e judiciário. O anúncio do Reino de Deus não é somente recitar as piedosas orações e rezar para que haja justiça. O Papa Francisco nos chama a atenção: não deixemos de lado as práticas devocionais cristãs, as quais devem nos ser a força para buscarmos seu

2 Cf. **John L. Allen Jr.**: De 2007 a 20013, houve grandes embarcações que naufragaram no Mediterrâneo, levando à morte milhares de migrantes, em grande maioria da África e do Oriente Médio, que, fugindo das guerras, deixaram seus países de origem. Logo após a visita do papa Francisco ao Brasil, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, o Santo Padre se fez peregrino na pequena Ilha de Lampedusa, parte da Sicília, onde tem sido por muitos anos o ponto de chegada de milhares de refugiados que desejam refazer suas vidas na Europa. Infelizmente, o trajeto até chegar a Lampedusa é cheio de abusos e explorações; além de quantias financeiras, há a exploração sexual. Estima-se que, nas últimas décadas, cerca de 20 mil pessoas perderam suas vidas em naufrágios das frágeis embarcações utilizadas para a travessia. A superlotação e as más condições dos barcos dificultam a viagem, que, além de desumana, não é a garantia de que terão uma boa acolhida ao desembarcarem. O papa Francisco, ao estar com os refugiados, rezou com os sobreviventes pedindo justiça e, em sinal de respeito aos que perderam suas vidas, colocou no mar uma cora de flores. O Santo Padre pediu, de modo insistente, que os países mais desenvolvidos não fechem suas fronteiras, mas acolham aqueles que buscam condições dignas e, sobretudo, a paz em suas vidas.

Reino e a justiça, porém a oração não pode ser confundida com acomodação, é preciso nos sentirmos interpelados acerca das situações injustas atuais e a buscarmos o Reino com nossa responsabilidade social. A sociedade e seus dirigentes são responsáveis pelos novos cidadãos e não podem eximir a economia e a política dessa responsabilidade. Ao analisarmos o cenário econômico mundial, aterrorizamo-nos com pobreza, não somente pela falta do emprego, mas sobretudo pela fome. No Brasil, uma imensa quantidade de comida vai para o lixo todos os dias³, ao mesmo tempo que observamos, nas ruas das grandes cidades e nos bairros periféricos, muitas famílias famintas sem ao menos uma refeição diária. Além da privação às refeições, encontramos muitos outros problemas relacionados a uma economia excludente e a uma desorganização das políticas sociais: falta de creches, escolas de ensino básico e profissionalizantes e investimento no ensino superior e nas pesquisas científicas (FRANCISCO, 2013, p. 112).

2 A SOLIDARIEDADE TRANSFORMADORA: POLÍTICA E CARIDADE.

A ausência da solidariedade com os excluídos é gritante, sedo assim o Papa Francisco reflete sobre o verdadeiro sentido da palavra solidariedade, que nos ajuda a buscar a transformação para a sociedade que deverá acontecer quando compreendermos a necessidade das atitudes políticas honestas e solidárias:

Embora um pouco desgastada e, por vezes, até mal interpretada, a palavra “solidariedade” significa muito mais do que alguns atos esporádicos de generosidade; supõe a criação de uma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. (FRANCISCO, 2013, p. 115).

A solidariedade é uma das maneiras para que a caridade aconteça, já o assistencialismo não promove a transformação na vida dos pobres. Atos corriqueiros de grandes empresas que unem seus funcionários na época do natal e distribuem cestas básicas às comunidades carentes não são suficientes para transformar em bonança a miséria que muitas famílias vivem durante todo os meses do ano. Os grandes lucros que as empresas conseguem às custas de trabalhadores assalariados não poderiam ser recompensadas com pequenos gestos esporádicos de generosidade – antes é preciso rever o compromisso social, político e ético dos empregadores, de modo que suas consciências e atitudes sejam convertidas em uma presença solidária mais efetiva e transformadora (FRANCISCO, 2013, p. 115).

Há muitas ideologias que se dizem amigas dos pobres e a favor das causas sociais solidárias, mas na verdade estão imbuídas com os interesses pessoais de uma politicagem que em nada contribuirá para a inclusão social dos fragilizados. A politicagem do império do

3 Cf. ROSATI, Cesar: Estima-se que, somente no Brasil, cerca de 1,3 bilhão de toneladas de alimentos são desperdiçadas – equivalente a 40% do que é produzido e com isso, 10 milhões de pessoas estão passando fome diariamente. Frutas, verduras e legumes que são armazenados de modo incorreto ou não são vendidos vão para o lixo, além dos problemas logísticos para uma melhor distribuição. Um terço de toda a comida do mundo é jogada fora – além de gerar um prejuízo, poderia alimentar cerca de 840 milhões de pessoas no mundo todo.

dinheiro rouba os recursos financeiros que deveriam ser destinados aos pobres, por isso é urgente trazer para a política a caridade transformadora e modificar nossa ideia negativa sobre os atos de governar: “Atualmente muitos possuem uma noção ruim da política e não se pode ignorar que frequentemente, por detrás desse fato, estão os erros, a corrupção, e a ineficiência de alguns políticos” (FRANCISCO, 2020, p. 94). A superação dessas corrupções acontecerá quando forem vencidas as falácias e houver um verdadeiro encontro com aqueles que têm os pés no barro, pois esses sabem o quanto é triste a falta de um trabalho e, a cada quilômetro percorrido, sentem o quanto estão distantes da justiça de que precisam. Ter as mãos na carne é sentir a dor de quem não se alimenta adequadamente e com a solidariedade política praticar a partilha e transformar a vida de quem acumula; não há felicidade em ajuntar e sim em doar. (FRANCISCO, 2016).

3 A TERRA, O TETO E O TRABALHO

As palavras do Papa Francisco não são de um comunista ideólogo, mas sim do Bom Pastor, fiel à doutrina social da Igreja. A terra, o teto e o trabalho são direitos sagrados que não podem ser violados ou negados. O solo é sagrado e foi entregue aos cuidados do homem, no entanto há muitos interesses espúrios nas atividades agronômicas e os pequenos camponeses estão perdendo o espaço que conseguiram para sobreviverem. Ao faltar a terra para construir um teto, imaginemos a dificuldade que há para as atividades ligadas à agricultura, que enfrenta os pesticidas, agrotóxicos e os desmatamentos. Essas objeções nos revelam que o homem não está zelando pela terra, ao contrário, maltrata-a ao ponto que ela também clama por justiça. A expansão das cidades ocupa cada vez mais os espaços que antes eram destinados à zona rural onde os pequenos camponeses podiam com tranquilidade plantar e o oferecer produtos de qualidade (FRANCISCO, 2014).

Falta a terra para o plantio, porém há a realidade das ruas, que não deveriam ser o lar e teto para ninguém, pois nelas não há as mínimas condições de higiene e nenhum tipo de estrutura segura para que sejam habitáveis. No Brasil, já tivemos tristes episódios de maus-tratos para com pessoas em situações de rua⁴ – atitude sanguinolenta que revela a frieza do ser humano que prefere extinguir a vida de seus semelhantes. As grandes torres, centros comerciais e os altos prédios com apartamentos de luxo não podem suportar, em suas calçadas, as pessoas miseráveis que a miséria produz: o desejo de alguns moradores e síndicos é ver o fim desse incômodo, eles não pensam em cobrar do Estado uma solução solidária pensada por toda a sociedade. (FRANCISCO, 2014).

4 Cf. FIGUEIREDO, Patrícia. Nos anos de 2015 a 2017, o Brasil registou um número alarmante de violência contra as pessoas em situação de rua: 17.386 mil pessoas sofreram agressão pelo fato de estarem na rua; 38% das agressões são contra jovens entre 15 a 24 anos e 54% dos agredidos se declaram negro; 50,8% são mulheres. A cidade de São Paulo é a que mais concentra pessoas em situação de rua e a que mais registou violência contra esses desfavorecidos. Em 2015, São Paulo registrava cerca de 15.903 pessoas morando na rua. O SUS afirma que 92% dos casos atendidos de agressões são praticadas por desconhecidos.

Não podemos negar que a secularização trouxe suas vantagens às cidades: a tecnologia e a ciência facilitaram muito a vida e trouxeram muito conforto para todos. Com toda essa inovação, muitas cidades acabaram cedendo para os tablets e celulares a saudável convivência com os vizinhos e amigos ou, ainda, a solidariedade com o próximo. O Papa Francisco ressalta que os bairros populares e os assentamentos ainda mantêm os vínculos populares saudáveis para todos:

Vocês sabem que, nos bairros populares, onde muitos de vocês vivem, subsistem valores já esquecidos nos centros enriquecidos. Os assentamentos estão abençoados com uma rica cultura popular: ali, o espaço público não é um mero lugar de trânsito, mas a extensão do próprio lar, um lugar para gerar vínculos com os vizinhos. Como são belas as cidades que superam a desconfiança doentia e integram os diferentes e que fazem dessa integração um novo fator de desenvolvimento. Como são lindas as cidades que, ainda em seu desenho arquitetônico, estão cheias de espaços que conectam, relacionam, favorecem o reconhecimento do outro (FRANCISCO, 2014).

Encontramos em muitos bairros uma solidariedade que gera vínculos e os vizinhos, apesar dos muros que separam suas residências, não deixam de conviverem, sempre lhes é oportuno – fazem confraternizações simples, encontram-se para dialogarem nas calçadas. Com essas atitudes, estão vivenciando uma cultura popular rica em afeto, como nos lembra o papa Francisco na *Fratelli Tutti*: Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato: tudo isso se resume no verbo: “dialogar” (FRANCISCO, 2020). Deve-se insistir na interação entre as pessoas e, nessa questão, as comunidades cristãs muito podem contribuir. As novenas, os círculos bíblicos e a oração em família muito colaboram com a integração entre as pessoas que talvez habitem no mesmo bairro, porém, devido à pressa, não conseguem demonstrar cortesia umas com as outras. Ao se encontrarem para rezar, podem com calma ouvir as dores do desemprego e as alegrias dos filhos que conquistam seus diplomas e juntos partilham soluções para suas vidas. (FRANCISCO, 2014).

Assim como as famílias estão sendo vítimas dos problemas oportunistas, o trabalhador é explorado de modo humilhante e seus direitos não respeitados. A cultura do descarte tem aumentado e o trabalhador tem um prazo de validade de acordo com a sua idade e, quando já estiver idoso, será afastado de suas funções ou substituído por uma máquina. Essa substituição do homem pela máquina gera, além do desemprego, um terrível isolamento: como pode haver amizade entre funcionários e máquinas? Seria possível algum tipo de humanização em uma empresa que só enxerga o lucro em vez do trabalhador? Uma triste realidade em um mundo tecnológico que, ao criar a era digital, exclui a mão de obra humana e com invenções poluentes agride a natureza e todo o meio ambiente (FRANCISCO, 2014).

4 SOCIEDADE E A ECOLOGIA: O RESPEITO PELA CRIAÇÃO

Após a explanação dos três temas (terra, teto e trabalho) que o Santo Padre abordou com os grupos populares, podemos refletir sobre suas palavras acerca da ecologia apresentadas na carta encíclica “*Laudato Si*”. Com suas colocações sobre o respeito para com a natureza e o cuidado da casa comum, encontramos um papa preocupado com a sociologia da Terra que nos acolhe, porém está pedindo socorro para que possa continuar a nos acolher de maneira tão terna.

É um desafio audaz do Papa Francisco abordar a ecologia de um modo social, pois suas reflexões sobre o cuidado com o planeta trazem à tona o respeito com toda forma de vida existente na Terra. É preciso analisar as transformações sociais que estão acontecendo e, com elas, perceber que a vida está sendo afetada. O progresso humano não está sendo capaz de preservar os meios naturais para a vida continuar a ser preponderante no futuro. Corremos o risco de nos maquinizar e não percebermos que estamos buscando a nossa própria extinção. A autodestruição está em andamento; as poluições da terra, da água e do ar:

Adoecem, por exemplo, por causa da inalação de elevadas quantidades de fumaça produzidas pelos combustíveis utilizados para cozinhar ou se aquecer. A isso vem juntar-se a poluição que afeta a todos, causada pelo transporte pela fumaça da indústria, pelas descargas de substâncias, que contribuem para a acidificação do solo e da água, pelos fertilizantes, inseticidas, fungicidas, pesticidas e agrotóxicos em geral. Na realidade, a tecnologia, que, ligada à finança, pretende ser a única solução dos problemas, é incapaz de ver o mistério das múltiplas relações que existem entre as coisas, e, por isso, às vezes resolve um problema criando outros (FRANCISCO, 2015, p. 2).

Na atualidade, não conseguimos nos enxergar sem os meios de locomoção: carro, ônibus, trens, metros, aviões etc. A facilidade que eles trouxeram para nossa mobilidade custam a nossos pulmões graves problemas ao inalarmos os gases dos meios de transportes. As cidades que, antes eram de fácil acesso por ruas e atalhos, agora sofrem com os congestionamentos quilométricos de carros e seus motoristas cansados de ficarem horas em filas de carros para chegarem a seus destinos. Somada a esses problemas, está a superlotação dos meios de transportes coletivos: além de cheios, estão sucateados e o preço das passagens altas. É uma soma catastrófica: falta de mobilidade, estresse no trânsito e ar poluído resultam em doenças que levam o corpo humano a seu limite. São situações como essas que o Papa Francisco escreve e deseja despertar a sociedade para soluções sustentáveis (FRANCISCO, 2015, p. 4).

Gostamos do progresso científico e tecnológico e dos empregos gerados, mas não nos preocupamos em cobrar dos governantes as leis que protejam nossa saúde e o planeta. O progresso também trouxe suas drásticas consequências para o planeta. Além das facilidades na locomoção, a tecnologia produziu muitos eletroeletrônicos – TVs, rádios, computadores – e eletrodomésticos – máquinas de lavar roupas, micro-ondas, fogão elétrico etc. O que fazer

com esses objetos quando não tiverem mais utilidade? O seu descarte é certo, mas nem todas as cidades possuem um sistema de reciclagem e reaproveitamento de peças que diminua o lixo eletrônico que estamos amontoando, geralmente nas periferias, onde moram os pobres. Estamos em uma era que valoriza a cultura do descarte: “que afeta tanto os seres humanos excluídos como as coisas que se convertem rapidamente em lixo” (FRANCISCO, 2015, p. 21).

CONCLUSÃO

Tendo contato com alguns escritos do Papa Francisco sobre as questões sociais envolvendo a Igreja, estamos diante de muitas indagações acerca de nossas atitudes pastorais. É evidente que o Santo Padre deseja responder a essas demandas optando por uma Igreja em saída, sem perder suas raízes profundas nas tradições, porém sempre atento aos apelos do povo que sofre. A amizade concede ao ser humano a graça de ser irmão do seu semelhante sofredor, mas para esta realidade ser uma verdade, é preciso rever as relações sociais, inclusive a política, que não poder ser demonizada, mas sim um meio para trazer ao povo as soluções para seus problemas: miséria, fome, trabalho, teto e a dignidade (FRANCISCO, 2020).

A “Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*” vem recordar a todos os cristãos que não podemos temer diante do mundo e suas complexidades. Os batizados são convocados a encarar a modernidade e, nela, encontrar os meios necessário para uma evangelização eficaz que seja capaz de vencer o comodismo e renovar nossas comunidades. A renovação paroquial exige que transformemos nossas estruturas obsoletas de manutenção em fortes ações evangélicas capazes de converter toda a Igreja rumo ao amor e à solidariedade que Jesus anunciou e exigiu que praticássemos em nosso cotidiano (FRANCISCO, 2013).

Felizmente, o Papa Francisco, em sua sensibilidade pastoral, percebeu que é necessário um despertar de toda a sociedade para o cuidado com nossa casa comum. A carta encíclica “*Laudato Si*” não limita a criação somente ao antropocentrismo, ao contrário, envolve toda a natureza e o ecossistema como um ato amoroso querido pelo Criador. Por isso, a necessidade em cuidarmos de modo integral de toda a vida presente em nosso planeta. O Santo Padre nos recorda que é necessário proteger a Terra que nos acolhe e evitar que ela seja destruída pelos interesses do capitalismo que, em muitas de suas ações, não respeita a natureza nem o ser humano (FRANCISCO, 2014).

REFERÊNCIAS

ALLEN, John L. *Lampedusa: Cinco anos de uma viagem que diz muito sobre o papado de Francisco*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/580623-lampedusa-cinco-anos-de-uma-viagem-que-diz-muito-sobre-o-papado-de-francisco>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

ALVAREZ, et al., *Léxico Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.

FIGUEIREDO, Patrícia. *Brasil registra mais de 17 mil casos de violência contra moradores de rua em 3 anos*. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/17/brasil-registra-mais-de-17-mil-casos-de-violencia-contra-moradores-de-rua-em-3-anos.ghtml>. Acesso em: 26 de maio de 2020.

FRANCISCO, *Carta encíclica “Fratelli Tuti”*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, *Carta encíclica “Laudato Si”*: sobre o cuidado com a casa comum. São Paulo: Paulinas, 2014.

FRANCISCO, *Discurso do Papa Francisco aos participantes no encontro mundial dos movimentos populares*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html. Acesso em: 18 de maio de 2021.

FRANCISCO, *Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium”*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, *Homília proferida no Campo Desportivo “Arena” na Localidade Salina*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html. Acesso em: 15 de maio de 2021.

Portal da BBC News Brasil. ‘As crianças se abraçavam desesperadas’: o relato de funcionário que se negou a separar irmãos brasileiros em abrigo nos EUA. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44563329>. Acesso em: 24 de maio de 2021.

Portal BBC News Brasil ‘Fome volta rondar o Brasil, que desperdiça 40% dos alimentos produzidos’ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/12/13/fome-volta-a-rondar-o-brasil-que-desperdica-40-dos-alimentos-produzidos>. Acesso em: 24 de maio de 2021.